

Boletim

Departamento de Psicanálise da Criança



Coordenação Geral	05
Curso	06
Clínica e Pesquisa	07
Extensão	10
Eventos	11

Ato Médico Projeto de Lei 7703	12
--	----

Especial Tributo a Di Loreto	14
--	----

Era uma vez um Hospital-dia, Crianças Doentes e um Grupo Que Contava Histórias... Adriane Bacellar Duarte Lima	20
--	----

Perfil Mary Ono	28
---------------------------	----

Cultura Exposição Resenha	38
Psicanálise Resenha	40

Aconteceu Apresentações dos Membros do Depto no Colóquio 100 Anos de Psicanálise da Criança	42
Outras Notas	46

Diversidade e Maturidade Denise Feliciano	48
---	----

EDITORIAL

DENISE DE SOUSA FELICIANO

Mais uma vez temos a satisfação de concluir uma edição do Boletim, que contempla a riqueza de mais um ano de trabalho produtivo e significativo do Departamento. Nas páginas que se seguem estão detalhadas as múltiplas atividades que vem acontecendo entre nós, ao lado de colegas de outras instituições que nos têm como parceiros no projeto maior do contínuo colóquio sobre a psicanálise com crianças.

E como uma espécie de metáfora desse movimento no qual estamos inseridos, o evento **Colóquio 100 anos de Psicanálise com Crianças** em agosto, comemorando o centenário da publicação do Caso Hans, tornou visível e documentado o quão sólido e maduro nos tornamos enquanto grupo de trabalho e anfitriões para nossos caríssimos colegas de outros grupos. Tem sido com dedicação e esforço de cada um de nós em cada espaço do Departamento que buscamos o aprimoramento e a excelência de nosso trabalho, mas principalmente poder desenvolver esses projetos com prazer e companheirismo é o nosso grande trunfo.

É muito satisfatório para a equipe editorial poder reunir nesta publicação uma amostra de tudo o que tem sido realizado e poder constatar seu volume e pluralidade, além de perceber nas entrelinhas de cada texto e notícia a

satisfação com a qual são escritos por seus autores.

Esperamos que esta edição produza novas idéias e parcerias a partir de sua leitura e que cada vez mais possamos vê-la multiplicar suas páginas.

Contudo, é com tristeza que o Boletim traz também em suas páginas uma pequena homenagem ao nosso querido Di Loreto, falecido há alguns meses deixando uma lacuna entre nós. Porém somos gratos por ele ter nos deixado generosos depoimentos de sua jornada intensa e produtiva na saúde mental de crianças.

E muito pertinente, Maria Dias coloca-nos um texto de considerações sobre o polêmico movimento do Ato Médico que tem sido motivo de preocupação entre os profissionais de saúde e ao qual não podemos nos abster de nos posicionar. É fundamental que possamos tomar as providências que estiverem ao nosso alcance.

Desejamos a todos um Ano Novo com novos e promissores projetos.

Este é um ano de muitas mudanças e de muitas possibilidades. A Coordenação Geral (CG) e a equipe editorial, com a colaboração de todos, estão trabalhando para que este seja um ano de muitas conquistas e de muitas realizações.

Este é um ano de muitas mudanças e de muitas possibilidades. A Coordenação Geral (CG) e a equipe editorial, com a colaboração de todos, estão trabalhando para que este seja um ano de muitas conquistas e de muitas realizações.

Ficha Técnica:
Editora Responsável
Denise de Sousa Feliciano

Equipe Editorial:
Alessandra Barbieri
Elsa Vera Kunze Post Susemihl
Fernanda Mara Colucci Fonoff

Planejamento:
Setor de Comunicação e
Publicações do Departamento
de Psicanálise da Criança do
Instituto SEDES Sapientiae

Tiragem:
350 Exemplares

Distribuição:
Interna

Projeto Gráfico & Design:
Matt Comunicação & Design

Desenho de Capa:
Raul, 8 anos



COORDENAÇÃO GERAL

MÁRCIA REGINA PORTO FERREIRA

O Departamento de Psicanálise da Criança está em festa.

O sucesso alcançado com o evento *Colóquio 100 anos de Psicanálise com Crianças*, revela a consolidação de um espaço de verdadeiras trocas entre profissionais da psicanálise com crianças.

Muitas manifestações recebidas referem-se, não apenas à qualidade dos trabalhos apresentados, mas fundamentalmente pela maneira como foram tratados: um verdadeiro colóquio sobre o campo da psicanálise com crianças. O Setor Eventos, que tão magistralmente congregou os membros deste Departamento nessa realização, mais uma vez nos demonstrou ter sido muito bem sucedido na sua proposta de tornar essa atividade um acontecimento que, como disse uma vez Lila, *não se esvai com o vento*.

+

Nossas produções estão, em todos os setores, mais sedimentadas, amadurecidas. Os setores, cada um em sua especificidade, dará notícias de novas realizações e novas possibilidades de inserções dos membros deste Departamento, conforme poderá ser verificado neste Boletim.

Para a coordenadora do Setor Divulgação, Alessandra Barbieri, que está saindo de licença maternidade para aguardar a chegada de seu 'segundinho', gostaríamos de

manifestar nosso reconhecimento pelos valiosos esforços por deixar a casa em ordem, enquanto aguardamos por seu retorno.

Lia Rudge, há vários anos colaborando na secretaria da Coordenação Geral, despede-se dessa função, na inviabilidade de mantê-la na concomitância com outras atividades desenvolvidas junto ao Departamento. Nossos agradecimentos também são veementes por toda contribuição oferecida todo esse tempo.

Temos recebido convites para participar de movimentos em defesa da infância brasileira. Um deles foi formulado pelo Instituto Alana, que se manifesta contra a publicidade abusiva dirigida ao público infantil. Estamos estudando formas de promover uma parceria com essa séria instituição. Quem se interessar em melhor conhecer a Alana, poderá acessar seu site <http://www.alana.org.br>

Desde junho deste ano, contamos na composição de nosso quadro de associados com Sandra Ungaretti, Eloisa Lacerda, Cristina Seguin, Luciana Godoy e Ângela May, que de várias formas, já colaboravam com nosso Departamento. A Coordenação Geral (CG) as recepcionou, anunciando-lhes as boas-vindas.

Este final de ano permite fazermos um balanço muito favorável e planejamentos mais abrangentes.

Este ano de 2009, que marca os cem anos de publicação do caso de uma das crianças mais conhecida do circuito analítico, o pequeno Hans, ofereceu-se como uma ocasião privilegiada para reiterarmos nossos propósitos de interlocução nesse campo, a clínica analítica com crianças que vem produzindo giros conceituais importantes, tanto por aportar novas teorizações sobre a infância como momento constitutivo, quanto por apostar na possibilidade da criança como um sujeito que pode empreender uma investigação sobre suas determinações psíquicas.

Congratulamo-nos assim, com o Setor Eventos, em particular, e também com todo o Departamento pela realização, em agosto, do *Colóquio 100 anos de Psicanálise com Crianças*, que possibilitou a psicanalistas, de formações e instituições diversas, encontrarem um espaço para a circulação de suas produções, tanto lembrando outras crianças, além de Hans, como Arpad ou retirando Anna do esquecimento, mas, sobretudo, por nos apresentar as crianças e suas questões atuais, reafirmando que a psicanálise pode ser bem-vinda no universo significativo da criança, como promotora da circulação de sentidos.

Se a criança nos coloca impasses, ela também nos possibilita passes, convocando-nos ao diálogo ou ao confronto com discursos diversos que

fazem fronteiras na atividade clínica: o médico, o pedagógico, o jurídico, além de outros, e/ou com diferentes recursos institucionais. Nessa direção também têm caminhado alguns de nossos encontros clínicos.

Convidamos para nosso IX Encontro, acontecido em 23 de outubro, Ligia Rabinovitch, historiadora, psicanalista, membro do Departamento, que nos apresentou o acompanhamento de uma criança adotada, representando o Grupo Acesso – Estudos, Intervenções e Pesquisa sobre Adoção da Clínica Psicológica do Sedes¹, no qual atua como analista.

Além de nos trazer informações sobre as vicissitudes das histórias dessas crianças, muitas vezes com percurso em situações de abrigo, com implicações de ordem jurídica, a apresentação também nos propôs questões sobre as particularidades das relações pais e filhos, sob a condição de adoção.

¹ Projeto do Departamento de Psicanálise da Criança que vem sendo desenvolvido em conjunto com o Departamento de Formação em Psicanálise do Sedes.

O Setor Clínica e Pesquisa, visando favorecer a comunicação dos projetos em andamento, promoveu uma reunião no dia 21.09.2009 com representantes dos grupos Acesso, Laço, Interlocuções e Espaço Potencial. Cada representante leu, nessa ocasião, um relatório descrevendo as atividades desenvolvidas no primeiro semestre de 2009, falou sobre seu modo de funcionamento e sua história. A próxima reunião convocando representantes de todos os projetos será no dia 29.03.2010 e nela serão apresentados relatórios referentes às atividades realizadas no segundo semestre deste ano.

Interlocuções vem realizando encontros mensais na última 4ª feira do mês das 12:00 às 14:00, com sucesso. As atividades são coordenadas por: Afrânio Ferreira, Angela, Irmgard Ferreira (Medi) e Magaly Callia

O primeiro encontro em 24.06.2009 versou sobre o tema *Driblando o óbvio: a agressividade no paradoxo da criação* tendo como convidadas Luciana Godoy e Magaly Marconato Callia e como comentador Alexandre Maduenho.

O segundo encontro realizado em 29.08.2009 sobre o tema *Transicionalidade: do abrigo para a família adotiva* teve como convidada Cynthia Peiter e como comentadora Marlene Rosenberg.

O terceiro encontro em 30.09.2009 sobre *Contribuições Fenomenológicas na Clínica Psicológica* foi apresentado por Andrés Antúnez e comentado por Kleber Barreto.

Em outubro foi a vez de Silvia Lobo que falou sobre o tema: *Repensando as Condições de surgimento da mãe suficientemente boa* e seu comentador foi Décio Gurfinkel.

Em novembro o convidado foi Reinaldo Lobo que falou *Sobre a Teoria do Pensar em Winnicott*. Seu comentador foi Tales Ab'Saber.

Interessados em apresentar trabalhos poderão encaminhá-los para o e-mail: khrishna@uol.com.br

Foi criado um novo espaço no Setor Clínica e Pesquisa, surgido do mapeamento sobre as pesquisas dos membros. Trata-se de um grupo que está discutindo as compulsões alimentares na infância e é coordenado por Lia Pitliuk. O grupo se reúne mensalmente na primeira segunda-feira de cada mês e já conta com 7 participantes. Esperamos que outros grupos semelhantes possam se constituir.

Segue um texto sobre as linhas que este grupo pretende trabalhar:

PESQUISANDO ALGUNS DISTÚRBIOS ALIMENTARES NA INFÂNCIA

Fazendo uso do espaço propiciado pelo Departamento, e estimuladas pelo mapeamento realizado pelo Setor Clínica, iniciamos um grupo de estudo e pesquisa sobre distúrbios alimentares na infância (7 membros, no total). Mais especificamente, relativo a distúrbios associados à ingestão de alimentos excessiva ou compulsiva, ou ambas as coisas simultaneamente – fenômeno de grande incidência na clínica contemporânea.

Inauguramos o espaço falando em compulsão alimentar, mas já com o desafio de circunscrever melhor o campo de investigação – e, portanto, o nome que daremos a este grupo. O termo *compulsão* corresponde a uma coerção interna que submete o indivíduo. Sem dúvida alguma, isto pertence ao campo que nos interessa; entretanto, talvez nem todas as formas do 'comer em excesso' sejam compulsivas. Uma paciente dizia a uma de nós, sua analista: "eu *poderia não ter comido* aquela meia caixa, mas eu *queria* comer". Quão livre teria sido de fato esta sua escolha? Esta é, então, uma das questões centrais para a definição de nosso objeto de pesquisa e estudo, remetendo diretamente ao estudo das referências psicopatológicas envolvidas na questão.

Uma segunda problemática se refere ao que podemos entender por excesso, numa perspectiva psicanalítica. De um ponto de vista fenomenológico, o termo se refere a exageros no consumo: comida, álcool, drogas, bens materiais... e também atividades (profissionais, esportivas), relações humanas, etc. Mas esta referência quantitativa seria suficiente para nossos fins? E, além do mais, em relação a qual norma de saúde?

De fato, parece-nos óbvio que não se trata de nos pautarmos por normas e padrões sociais do momento – médicas, estéticas ou quaisquer outras – para definirmos um funcionamento como patológico, e é nessa exata medida que a questão se coloca em nossa definição de nosso objeto de estudo.

Por outro lado, a dimensão sócio-cultural se faz totalmente presente e necessária quando tratamos das determinações do excesso/compulsão. Podemos pensar, por exemplo, no excesso como resposta dos sujeitos à exigência social de que cada um se torne um ser ideal; ou seja, frente ao vazio que se instala entre o que somos e o que desejamos ser, o excesso bem poderia se instalar como modo de busca por este ideal de ser. Esta é uma hipótese de trabalho que nos parece bastante promissora.

Finalmente, temos o tema do que significa *pesquisar* em psicanálise –

assunto pelo qual o grupo decidiu iniciar seu percurso. Como pretendemos não apenas estudar a literatura, mas também explorar a clínica dos distúrbios alimentares, precisamos estabelecer que tratamento dar ao material clínico do grupo. Assim, decidimos dar lugar de honra ao tema da pesquisa em psicanálise justamente para constituirmos nosso método de trabalho (e é assim que iniciamos o percurso debruçando-nos sobre escritos de Renato Mezan, Gilberto Safra, Joel Birman, Luiz Carlos Nogueira, Aurea Lowenkron, Theodor Lowenkron).

Delimitamos, assim, três questões de partida, mas num universo que, sabemos, é vastíssimo. Essa é uma característica de nossa disciplina: qualquer problemática clínica nos remete, obrigatoriamente, à Psicanálise como um todo, e obviamente os distúrbios alimentares na infância não escapam a esta lei. É assim que, necessariamente, passearemos pelas questões da constituição subjetiva, pelas teorias pulsionais, pela psicopatologia, pelo lugar do corpo na psicanálise, pela tendência à passagem ao ato em oposição à elaboração psíquica, pelos funcionamentos sócio-culturais da contemporaneidade... círculos temáticos concêntricos, digamos, a partir das experiências clínicas que pudermos tomar para reflexão e debate.

Pretendemos estudar, discutir nossa

clínica, pesquisar. Mas, acima de tudo, estamos constituindo um grupo de referência para abordarmos a questão dos distúrbios alimentares na infância. Um grupo de referência dentro de um departamento de referência: ou seja, serão muito bem-vindas todas as possibilidades de troca que surgirem entre esse nosso grupo e o restante do Departamento. Neste primeiro momento o grupo permanece aberto à entrada de novos interessados, e também para a recepção de materiais de referência sobre os temas que estamos abordando (pesquisa em psicanálise, a dimensão do excesso, a compulsão). Por outro lado, esperamos poder contribuir para o desenvolvimento de estudos e de pesquisas que se realizem no Departamento, na medida do possível.

Para contatos com o grupo, basta enviar e-mail para Lia (lia8@uol.com.br).

Coordenadora: Lia Pitliuk
Colaboradoras: Liane Weissmann e Maria Angelina Cabral

Membros do grupo de estudo/pesquisa sobre distúrbios alimentares na infância do Depto de Psicanálise da Criança

EXTENSÃO

ELSA VERA KUNZE POST SUSEMIHL

Neste segundo semestre de 2009, foi dado prosseguimento aos cursos já em andamento, tanto o de especialização *Psicanálise da Criança*, como os nossos dois cursos anuais de aperfeiçoamento:

- > *Um percurso na obra de Winnicott*
- > *Introdução à intervenção precoce na relação pais-bebês.*

O nosso curso de expansão:

- > *Psicanálise da criança: configuração de um campo*

teve também mais uma edição, havendo grande procura e interesse por ele.

Informamos que em 2010 haverá uma mudança no nome do curso sobre Winnicott que passará a se chamar *Winnicott: experiência e pensamento*.

Infelizmente não houve procura e interesse por cursos de Departamento neste semestre, e esperamos que esta atividade possa ser retomada em breve.

Convidamos todos os membros a sugerir temas de interesse, que

gostariam de ver aprofundados, bem como eventualmente professores, como forma de contribuir para a continuidade desta atividade. As sugestões podem ser encaminhadas para o seguinte e.mail: esusemihl@gmail.com

EVENTOS

ADA MORGENSTERN

No mês de agosto o Setor Eventos organizou o *Colóquio 100 anos de Psicanálise com Crianças* que comemorou o centenário da publicação do Pequeno Hans de Sigmund Freud, e obteve números expressivos tanto de trabalhos inscritos quanto de participantes. O colóquio foi composto por mesas simultâneas e mesas redondas distribuídas por eixos temáticos: perspectivas teórico-clínicas, psicopatológico, metapsicológico e histórico. A qualidade dos trabalhos apresentados e o amplo espaço de discussões renderam inúmeros elogios e parabenizações ao Departamento. Atualmente, o setor continua trabalhando para organizar e publicar os anais do colóquio.

No mês de outubro, no dia 23, ocorreu o *IX Encontro sobre a clínica com crianças*, que recebeu a psicanalista e membro do Departamento, Ligia Paula Silber Rabinovitch para apresentação de um caso clínico. O evento contou com a participação de membros do departamento e alunos do curso de especialização, mantendo um importante espaço de interlocução clínica dentro do Departamento.

Para encerrar as atividades de 2009, no dia 27 de novembro, acontecerá o *III Encontro cinema e psicanálise da criança*, a apresentação do filme *Paranoid Park* (2008) do diretor Gus Van Sant, seguido de debate com a coordenação da psicanalista e membro

do Departamento, Lia Fernandes.

Infelizmente, por não ter recebido um número suficiente de trabalhos, a *V Jornada Interna do Departamento* foi adiada para o 1º semestre de 2010. A data e os prazos para envio de trabalhos serão informados em divulgação posterior.

Aguardem a divulgação de novos eventos para 2010.

Boas Férias!

O atual Projeto de Lei 7703/06 conhecido como Lei do Ato Médico começou a tramitar no Senado Federal em 2002 através de dois projetos de lei que se justificavam, a princípio, como uma iniciativa do Senado em regulamentar a profissão de médico.

Da forma como foi proposto, no entanto, estabelecia uma hierarquia entre a medicina e as demais profissões da área de saúde condicionando à autorização do médico o acesso aos serviços de saúde, demonstrando ter um interesse claramente corporativista.

Em 2004, a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado (CCJC), tendo como o relator o senador Tião Viana (PT/AC), apresenta substitutivo ao Projeto de Lei.

Naquele ano, a mobilização das demais categorias de trabalhadores da saúde contra este substitutivo foi muito grande tendo reunido em solenidade contra o Ato Médico na Assembleia Legislativa da São Paulo, em 15 de setembro, representantes dos Conselhos Regionais de 12 categorias profissionais atingidas pelo mesmo: Nutricionismo, Educação Física, Psicologia, Biomedicina, Odontologia, Enfermagem, Fisioterapia e T.O., Biologia, Fonoaudiologia, Serviço Social, Técnicos em Radiologia e Farmácia.

Estavam lá presentes, também, alunos de diversas faculdades formadoras destes profissionais; representantes sindicais e representantes de centros acadêmicos diversos.

O movimento teve âmbito nacional e ocorreu simultaneamente em todas as demais Regionais do país, além de haver reunido em Brasília os respectivos Conselhos Federais.

O Sedes participou da mobilização na Assembleia Legislativa além de ter ajudado a divulgar o movimento através de seu site, e, ter colhido e enviado centenas de assinaturas ao CRP.

As bandeiras de luta eram:

- Combate ao absoluto retrocesso que o projeto representa(va) em termos da política de saúde implantada pelo SUS de caráter interdisciplinar e não hierárquico.

- Inadmissibilidade quanto aos médicos fazerem prescrição terapêutica em áreas do conhecimento nas quais eles nunca tiveram qualquer tipo de treinamento (i.e., Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Enfermagem, Nutrição, Educação Física, Serviço Social, Psicologia, Farmácia, Odontologia, Biomedicina).

- A medida fere o reconhecimento de cada uma das diversas profissões que trabalham com a saúde e tira a autonomia e a responsabilidade dos diferentes profissionais no exercício de seu trabalho.

- Fere-se, também, o direito ao livre acesso aos profissionais da saúde pela população, sem que tenham de passar necessariamente por uma consulta e prescrição médica.

Conseguiu-se, com todo este esforço, evitar que o projeto fosse diretamente do Senado para votação na Câmara dos Deputados. Ele seguiu para a Comissão de Assuntos Sociais do Senado (CAS) continuando a ser discutido durante dois anos em várias audiências públicas que contaram com a participação de representantes dos movimentos contra e a favor do Ato Médico, de senadores, deputados, conselhos profissionais de

saúde, de representantes de associações, de médicos e de profissionais da saúde de diversas áreas continuando um longo e importante processo de discussão durante a tramitação.

Em 2006, a Comissão de Assuntos Sociais do Senado (CAS) rejeitou a proposta do Projeto de Lei e aprovou substitutivo a ele que, sem ser debatido no Plenário do Senado, foi encaminhado para Plenário da Câmara dos Deputados, recebendo o número 7703/2006.

Em outubro de 2009, após 3 anos de tramitação na Câmara dos Deputados, o projeto passou a tramitar em regime de urgência, tendo sido aprovado com sessenta emendas. Segue agora de volta para o Senado onde pode ser aprovado definitivamente.

As informações que nos chegam dos sites de médicos e dos sites de psicólogos e das outras áreas são contraditórias. Não conseguimos saber se as alterações incluídas pelas emendas contemplam as reivindicações feitas pelos diversos Conselhos de 2004 para cá ou se são mudanças superficiais que o projeto sofreu logo no início, depois não tendo sido mudado mais.

Quanto a nós, colegas de todos os cursos representados no Núcleo de Cursos do Instituto Sedes, entendemos que a emenda que modifica o inciso XI do art. 4º do Projeto de Lei definindo que é ação privativa do médico a "determinação do prognóstico relativo ao diagnóstico nosológico médico" e não mais apenas diagnóstico nosológico, como constava no projeto original não nos satisfaz pois, o campo do que é da competência médica tem, como sabe, se ampliado rapidamente. E nisso vemos perigo.

Na última reunião do Conselho do Instituto, agora em novembro, (composto por todas as representações de todos os segmentos do Sedes), em uma conversa ampliadora da dimensão até agora divulgada,

questionou-se o abuso de poder do SABER MÉDICO, e não mais o corporativismo médico como viemos fazendo até então. Os determinantes dessa busca de aprovação da lei envolvem a mercantilização, e, a medicalização da saúde. Neste sentido, o Sedes enquanto Instituição, irá mandar um protesto para o Senado contra a aprovação da lei.

Decidiu-se, também, que uma comissão entrará em contato com o Fórum das entidades de Psicologia (que tem como membros o CFP, Sindicato, CRP) para saber que leitura estão fazendo da lei atual (com as emendas) e, a partir das iniciativas, ficará mais fácil nos alinharmos.

Será feita uma circulação de informe do Conselho para toda a comunidade Sedes com seus alunos contando essa história.

O Núcleo de Cursos, por sua vez, mais uma vez está se organizando para fazer um abaixo assinado com alunos, professores e usuários da clínica do Instituto contra a lei do Ato Médico que deverá ser entregue a senadores em Brasília. A lista para coleta de assinaturas ficará próxima à porta do auditório. Não deixe de assinar!

Envie, também, e-mails para a comissão encarregada de avaliar o projeto no Senado demonstrando sua preocupação e solicitando a não aprovação do Projeto 7703-a que é um retrocesso a uma subordinação ao saber médico de todos os saberes referentes à saúde ampla e ao direito de escolha do usuário.

Senador Ademir Santana
(adimir.santana@senador.gov.br)
Senador Cristovam Buarque
(cristovam@senador.gov.br);
Senador Gim Argelo
(gim.argello@senador.gov.br)

Maria Dias Soares
Representante do Curso de Psicanálise da Criança no
Núcleo de Cursos do Sedes.

O lançamento do livro *Causos e Casos* do Osvaldo Di Loreto¹ foi uma ocasião especial, pois o Di estava com a saúde muito precária. O clima entre as pessoas que estavam no lançamento era de um profundo afeto e respeito. Era um misto de festa e despedida. Todos estavam frater-nalmente unidos, o elo ligação se devia ao pai - amigo - companheiro, o Di Loreto. Foi uma noite longa, a fila para o autógrafo andava lenta e solene-mente e todos sabiam que cada um que estava ali precisava de seu tempo com o Di. O que importava era o encontro com ele e com os "irmãos", era um momento de celebração. Di veio a falecer poucos meses depois deste evento.

O carisma do Di Loreto Loreto teria sido o mesmo se não houvesse a instituição *Enfance* como sustentação? Ele a criou e ela o realizou. Ele a manteve viva e produtiva e ela o manteve vivo, produtivo, eficiente, dádivo. *Enfance* multiplicou as relações do Di com o mundo psi, com os estudantes e com os seus clientes. Ele aprendeu muito com o *Enfance* e nos ensinou muito. Foi um homem rico de idéias, de amigos, de afeto. O nome do Di Loreto se confunde com a instituição que ele criou.

De repente, numa explosão de carinho, todos os presentes a aquele lançamento, começaram a cantar "como é grande o meu amor por você...". Foi um momento epifânico,

completo. Todos vivenciando um sentimento compartilhado de tristeza e união e fraternidade.

Afrânio de Matos Ferreira

(1) Osvaldo Dante Di Loreto Loreto, psiquiatra, psicoterapeuta. Fundou o *Enfance*, a primeira Comunidade Terapêutica para crianças e adolescentes do Brasil. Esta Comunidade foi responsável pela formação de muitos terapeutas de crianças e adolescentes em São Paulo. Di Loreto Loreto foi professor, supervisor e palestrista em diversas cidades do Brasil.

Lamentavelmente, não me ocorre um texto à altura do que Di Loreto nos proporcionou. Talvez porque nesta hora sua falta grita mais alto do que as palavras.

Consigo apenas contar que num recente documentário sobre Vinicius de Moraes pela televisão, ouvi um depoimento de Chico Buarque que dizia que 'o poetinha' tinha uma marcante característica: estava sempre sorrindo. Naquele exato momento pensei no Di, movida por, no mínimo, duas razões: porque ele invariavelmente sorria e porque também era poeta, mesmo antes de escrever seus livros.

Não bastasse o pioneirismo com que esteve desafiadoramente inovando o campo da Saúde Mental (em grande parte o campo da Saúde Mental Infantil), ele primava pela estética do bem dizer e do bem fazer. Di Loreto não era apenas um mestre para toda uma geração de inquietos profissionais: ele era gostoso! Inspirou muitos a não descuidarem da busca pelo lúdico no trabalho, principalmente quando ele é muito angustiante.

Foram meus companheiros de definitivas aquisições, permeadas por intensas aflições, Magaly Marconato, Wagner Rannã, Josefina Martins (Jô), Mariângela Almeida (Mari), membros deste Departamento. No dia-a-dia com as crianças, nos plantões noturnos ou

de finais de semana compartilhamos desafiadoras complexidades. Di Loreto nos deu muitas aulas sobre a arte de trabalhar criativamente, a 'poetar' com seriedade.

Di Loreto, onde estiver, deve ter se encontrado com Michael, seu parceiro cerebral que lhe oferecia um tanto da inspiração para suas idéias geniais. Mas deve estar cercado de muitas outras pessoas, contando muitas histórias, promovendo generosamente o melhor de cada um.

Há pouco tempo atrás, no lançamento de seu livro, uma multidão foi ao seu encontro, certamente sabendo tratar-se também de uma despedida. Maria Lucia Hergrave puxou o coro de "Eu sei que vou te amar". Não poderia ter escolhido musica melhor! Bendito eterno sorriso!

Márcia Porto Ferreira

Durante anos escutei o nome de Di Loreto como referência a um mestre sábio e criativo para muitos de meus mestres e colegas. Ansiava por conhecê-lo, o que só aconteceu anos após minha entrada no Sedes, quando fui com Dione [Ares] convidá-lo para conferencista de um de nossos eventos. Na ocasião não encontrei um Di Loreto animado. Pareceu-me desesperançado com o futuro de nossa prática ante as imposições e demandas do mundo atual. Fez alusões saudosistas a um metafórico tempo das diligências. Em meu incorrigível otimismo me senti provocada a buscar nele o desassossego e esperança que durante anos escutei ser sua marca. Retrucava seu discurso de desalento, tornando a conversa numa espécie de esgrima entre a fé e a desesperança. Ao nos despedimos ele, sorridente, e com certo brilho no olhar perguntou "Como é mesmo seu nome?". Julguei ser um sinal de que ele não acreditava de verdade naquela 'ladainha' que me soava pessimista. É que os otimistas também cansam...

... porém se recuperam!

Dois anos mais tarde, editora do Boletim, propus seu nome para um Diálogos¹ sobre Formação. Seu primeiro livro era recém publicado e eu coincidentemente o ganhara de presente. Fui capturada pela leitura que eu 'economizava' para não acabar,

pois em suas linhas encontrei o Di Loreto vivo, criativo e genial no exercício do trabalho com a mente humana.

A entrevista foi uma importante reflexão sobre nossa prática e o que parece ser o âmago de tornar-se analista. Novamente mencionou aspectos do mundo atual que colocavam a prática psi num suposto declínio, como já havia dito antes, mas desta vez não me soou pessimismo, mas realismo. O discurso era o mesmo, mas seu estado emocional havia mudado. Estava apaixonado pela escrita, o que pareceu ter promovido um resgate de alma e vitalidade. Dizia: "Escreva. Tudo o que vier à mente. Sem censura, com liberdade. Demorei muito para escrever por ter estado escravo de uma censura interna paralisante e tola".

Encontramo-nos várias vezes depois, e onde fosse me abraçava sorridente e me presenteava com um novo 'causo' escrito. Recebia quem fosse ao seu encontro, tratando pelo nome e evocando peculiaridades de sua história com cada um. Uma memória incrível!

Infelizmente não pude estar no

(1) DO RESPEITO AO NÃO SABER À CAPACIDADE DE PENSAR – Diálogo com Afrânio de Matos Ferreira e Oswaldo Di Loreto. Boletim no. 6 – ano III – março de 2005.

lançamento de seu terceiro e último livro, mas na última vez que o vi, no lançamento do segundo, me encantei com a multidão que foi vê-lo. Não vou esquecer sua expressão quando me aproximei com o livro na mão: Disse meu nome, levantou-se e abraçou-me com um generoso sorriso de carinho. Estava feliz e muito vivaz!

Denise de Sousa Feliciano

TRECHOS DO DIÁLOGOS: DO RESPEITO AO NÃO SABER À CAPACIDADE DE PENSAR

‘Fui muito beneficiado por não ter tido na época muito acesso à informação. Havia então pouco conhecimento de idéias produzidas pelos outros. Livros de psicologia em 1954 quase não existiam [...] Tínhamos na época a vantagem de ser obrigado a pensar sobre aquilo que vivíamos, porque não tinha a explicação dada pelo pensamento do outro. Hoje somos muito prejudicados pelo conhecimento. Você vê o paciente falando amorosamente da ligação dele com a mãe, que ela é a melhor mãe do mundo e tal, já substituímos tudo aquilo por “ah, está aí um edipiano típico!” Poe no lugar do nosso pensamento o pensamento do Dr. Freud.’

‘Se quisermos tornar o trabalho com a mente mais rápido, mexemos com a eficiência; se quisermos torná-lo menos doloroso, a eficiência vai pro brejo. Não tem jeito, o trabalhador com a mente é um sujeito de cabeça mais lenta, digestiva, não é apressado. Não deveríamos nem ser pressionados para obter êxito, pois com os recursos que temos hoje para lidar com a mente, principalmente procurando modificá-la, não podemos esperar ter êxitos, de médios para cima. Deixo isso explícito no meu trabalho do dia a dia, converso com a mãe e o pai e digo: ‘vamos deixar claro que estou propondo e

aceitando uma proposta de tratamento psicológico para o seu filho. Tomo um compromisso com o esforço e não tomo um compromisso com o êxito’. E por que digo isso? Porque não é razoável na minha área ter compromisso com o êxito. Não sei como aquela criança vai evoluir, os destinos das psicoterapias são muito inesperados, desconhecidos. Se há alguma coisa que todos esses anos de experiência me ensinaram é que resistência não é apenas uma palavra bonita que impede o sujeito de lembrar coisas ou faz ter falsas lembranças, mas resistência é resistência à mudança.’

‘Digo para meus supervisionandos que vamos entender com clareza o que é que vamos fazer aqui. Porque muitas pessoas podem dizer “um curso com o Di Loreto, vou lá fazer.” E pode ficar uma coisa meio pessoal, e não uma relação com a tarefa a cumprir. O que faço é uma proposta de construirmos nosso próprio conhecimento. Temos um campo de trabalho que gera práticas e a proposta é que a gente vá evoluindo na nossa organização do pensamento, na nossa capacidade de organizar os dados que temos na mão e procurar construir um conhecimento a partir de nós mesmos. Fica bem entendido que o conhecimento já produzido fica fora dessa proposta.[...] Aqui vamos produzir o nosso conhecimento. A resposta é sempre a mesma: “mas quem sou eu para

produzir conhecimento?” Olha a cabeça que o mundo atual está produzindo! São psicólogos e psiquiatras formados, que têm como ferramenta de trabalho somente o seu pensamento, sua sensibilidade, capacidade de julgar, comparar. E ele começa por ter uma atitude de denegrimto total de sua capacidade de pensar. Aí demora dois anos para eu conseguir convencê-los, às vezes sem sucesso, que naquela sala ali todos têm cabeça igual a do Dr. Freud, ou melhor que a da Dona Melanie. Essa é uma espécie de contribuição: os alunos recuperarem o orgulho pela própria cabeça, sua ferramenta de trabalho.’

**OSWALDO DANTE MILTON
DI LORETO – (1929-2009)**

Livros publicados:

- > Origem e modo de construção das moléstias da mente (psicopatogênese)
- > A psicogênese que pode estar contida nas relações familiares. Casa do Psicólogo, 2004, São Paulo-SP.
- > Posições Tardias – contribuições ao estudo do segundo ano de vida. Casa do Psicólogo, 2007, São Paulo-SP.
- > Casos & Causos acontecidos no tempo das diligências. Casa do Psicólogo, 2009, São Paulo-SP.

ERA UMA VEZ UM HOSPITAL-DIA, CRIANÇAS DOENTES E UM GRUPO QUE CONTAVA HISTÓRIAS...

ADRIANE BACELLAR DUARTE LIMA

DESDE MUITO CEDO AS CRIANÇAS SE DEIXAM CATIVAR PELAS HISTÓRIAS. A MAGIA E A FANTASIA DAS FÁBULAS VÊM A SÉCULOS ATRAVESSANDO GERAÇÕES E GANHANDO VIDA PARA ALÉM DOS LIVROS, COMO ACONTECE NUMA SALA DO IMPORTANTE HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FMUSP ONDE CRIANÇAS MUITO DOENTES PARECEM IR ABRINDO SUAS PORTAS E ADENTRANDO NOVOS MUNDOS, COMO ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS.

Adriane Bacellar Duarte Lima, psicóloga do Serviço de Psicologia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e desenvolve um trabalho no Hospital-Dia Infanto-Juvenil do Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência, vai nos contar um pouco do seu trabalho e da atividade que exerce em um grupo terapêutico, utilizando histórias.

O Hospital-Dia oferece um conjunto de atividades terapêuticas, que na verdade eu chamo de programa destinado às crianças e adolescentes com transtornos mentais moderados a graves ou com quadros agudos que estejam interferindo no seu funcionamento psicossocial.

Aqui, atendemos casos de alta complexidade, que não são possíveis de serem atendidos na rede primária. O Hospital-Dia segue o modelo que é preconizado pelo Ministério da Saúde. Os pacientes são encaminhados pelos médicos, não há possibilidade de aceitarmos pacientes diretamente da comunidade, e priorizamos a interdisciplinaridade, pois esses pacientes precisam de um atendimento especializado, emergencial, constante e intensivo, o que só é possível com uma equipe interdisciplinar. A equipe do

Hospital-Dia é muito pequena, às vezes isso é muito difícil, pois carecemos de outros profissionais. No entanto, assim temos a vantagem de funcionar de um jeito mais autônomo. O paciente chega encaminhado pelo médico e em geral não responde completamente à medicação -as pessoas têm questões além dos sintomas tratados por medicamento. Na verdade, o sentido da vivência do sintoma do transtorno mental é particular para cada pessoa e sua família. Procuramos fazer um trabalho pensando nessa questão da singularidade.

Quando a criança chega, é realizada uma triagem e um diagnóstico situacional, necessário para o trabalho. Esse diagnóstico pode ser modificado ao longo do tratamento, em função da evolução ou do agravamento do caso, mas ele é fundamental para se montar um trabalho. Esse diagnóstico situacional é baseado no diagnóstico psiquiátrico e em todos os outros aspectos que envolvem o adoecimento, assim como nas nossas observações da triagem e da entrevista com a família, geralmente a mãe, que é quem assume o tratamento desses filhos.

Mesmo que tenha um pai presente?

Sim. Na verdade, estamos repensando

como inserir esses pais, pois vemos a ausência deles como um sintoma. Há pouco tempo fizemos a triagem de uma criança com ansiedade de separação e suspeita de autismo. Era um quadro de agitação muito severo e a mãe trouxe a questão da violência na família. Fizemos uma observação lúdica da criança com a mãe e cogitamos a possibilidade de uma observação da criança com esse pai. Tentamos o contato com ele, sem sucesso, e a mãe se recusou a chamá-lo. Isso pra gente já é um dado de que talvez esse pai só consiga impor sua presença pela violência... Então, quando fazemos o diagnóstico, levamos em conta o contexto familiar para podermos delinear o tratamento. Mas também temos que pensar que essa situação familiar pode agravar o quadro. A triagem é realizada em uma equipe que se compõe da professora da classe hospitalar, da psicóloga, que sou eu, da terapeuta ocupacional e das alunas do aprimoramento (psicologia e terapia ocupacional). Nos dividimos durante a triagem de modo que duas (até três pessoas) façam a entrevista com a família e outra dupla, a observação da criança ou adolescente.

Profissionais de outras áreas da saúde são convidados para participar dessa vivência?

Sim, achamos importante o olhar clínico das diferentes especialidades e a discussão da observação com a equipe.

Existe algum grupo de atendimento da família?

Existe o grupo de cuidadores, que em geral é composto pelas mães. Muitas delas deixam de trabalhar e então o recurso financeiro fica a cargo do pai. A mãe se encarrega da provisão

emocional e, em geral, também desenvolve um transtorno psiquiátrico, geralmente a depressão. O fato é que se torna difícil a presença do pai no grupo de cuidadores.

Parece que a ausência ficaria justificada por ocuparem o lugar de provedor material, embora possamos supor que esse não é o único motivo.

É o conjunto. Estabelecemos um horário fixo, que é em horário comercial, mas como normalmente os pais estão no trabalho, muitos não comparecem. E embora forneçamos atestado e o Estado garanta esse direito aos familiares, sabemos que na prática é de outra maneira. Outra coisa curiosa é que sempre precisamos refazer o contrato com as famílias pra garantir a adesão, pois a questão da manutenção do sintoma é muito forte.

Por outro lado, o paciente parecer ter uma forte ligação com a instituição. Isso facilita a adesão ao tratamento?

Eles têm uma adesão com a instituição, principalmente porque tem receio de perder o tratamento médico. Já aconteceu uma situação, na qual o paciente veio apenas duas vezes e sua mãe, muito angustiada, deu andamento ao tratamento. Nesse caso, optamos por fazer o trabalho com ela e assim, indiretamente, com o paciente.

Por que a criança não podia vir?

Foi uma exceção. Tinha relação com a questão familiar. Mas aceitamos que o tratamento se daria daquela

maneira.

Você está dizendo que fazem uma triagem e quando a criança é aceita para tratamento no Hospital-Dia vocês fazem um programa para cada criança?

Temos uma grade de atividades e separamos o que é mais pertinente para cada paciente. Fazemos um plano terapêutico para aquele paciente, que não necessariamente é igual a do outro.

Pode até ser atendimento individual?

Sim. Às vezes fazemos no começo um período de adaptação. Antigamente, chamávamos de grupo de adaptação, embora não fosse grupo, era muito mais um trabalho individualizado. Era o primeiro contato e, a seguir, inseríamos o paciente no grupo. Atualmente, já inserimos ele direto no grupo e vamos avaliando se isto é benéfico para aquele paciente. O mesmo em relação ao grupo, porque às vezes alguma característica do paciente pode ser muito caótica e desorganizadora pro grupo.

Você poderia nos contar sobre o seu trabalho, especificamente com os contadores de história. Quais as crianças que são encaminhadas?

Falando de um modo geral, recebemos pacientes com diferentes diagnósticos. Especificamente nesse grupo de história, há crianças com tentativa de suicídio, com transtorno afetivo bipolar, com estresse pós-traumático. Ou seja,

o critério de inclusão para esse grupo não é o diagnóstico psiquiátrico, mas o fato de serem crianças com uma questão de luto. Nós o criamos visando um tema, não de maneira rígida, mas que contivesse aspectos que a gente chama de vulnerabilidade.

Há quanto tempo vocês o começaram?

Esse grupo está com dois anos. Já teve uma rotatividade, alguns pacientes já saíram e já voltaram para o Hospital-Dia. É um grupo mais ou menos aberto, tem a proposta de ser fixo, mas tem uma maleabilidade para a entrada de novos pacientes, ou pode acontecer de um dos integrantes ter alta do Hospital-Dia.

Quantas crianças participam?

Agora são sete, de oito a doze anos. Esse é um número bom para se trabalhar, não dá pra ter mais. Formamos o grupo baseado no desenvolvimento maturacional daquelas crianças.

Só há um grupo?

Estamos pensando em montar outro. Diferentemente do adulto, a criança tem a característica de ser muito agitada. Têm momentos em que a gente dramatiza - a bruxa aparece e é uma gritaria. Outro dia apareceu um urso. A gente estava fazendo, como desdobramento de história lida no grupo, um acampamento, e apareceu um urso que uma das crianças incorporou. Eu levei um susto tão grande... Daí, eu me refiz e falei que a gente não tinha combinado. Nesse grupo tudo é muito discutido, é tudo muito democrático. Tudo o que é

inerente ao ser humano aparece: ciúme, disputa, inveja, agressividade, angústia, tristeza...

Essas situações grupais também favorecem o surgimento das emoções. Como o grupo nasceu?

Existe uma ONG, chamada Viva e Deixe Viver, que se propõe a contar história em hospitais, que nos procurou. Costumo contar uma história desse encontro: "Era uma vez um grupo que queria desenvolver uma atividade terapêutica, que encontrou outro grupo que estava ligado à humanização de hospitais. E, assim, houve um encontro feliz". Aliás, contei essa história num artigo, para a Revista Psique, da Editora Escala, que vai sair agora nas bancas.

Resolvemos montar um grupo de 'contação' de história, enquanto a ONG também desenvolvia uma pesquisa no hospital. Falamos: "Vamos formar um grupo com essas crianças e vamos ver se conseguimos transformar um pouquinho a capacidade simbólica delas". A gente nunca sabe onde vai chegar e isso não quer dizer que a gente não saiba o que está fazendo. É preciso uma certa flexibilidade pra surgirem encontros enriquecedores. Quando estamos trabalhando, o encontro é enriquecedor tanto para o terapeuta como para o paciente. É bilateral! Então, uma palavra que define o grupo é encontro, encontro de pessoas!

Os contadores de história são psicólogos?

Não, eles têm uma formação totalmente diferente. Nossa proposta inicial não era psicoterapêutica, mas queríamos que tivesse um efeito terapêutico, apoiados na idéia da teoria de Winnicott, de ambiente terapêutico. O ambiente

terapêutico é aquele que possibilita uma situação de experimentações facilitadoras do resgate do percurso do crescimento.

Provavelmente o fato de você coordenar o grupo, sendo psicanalista, possibilita que haja um olhar que amplie a proposta de contadores de história como uma simples atividade recreativa.

Como o grupo se tornou uma atividade terapêutica, é preciso que haja um profissional com uma formação de psicoterapeuta. Sou a única com formação psicanalítica, uma é advogada e outra fez ciência sociais e também gosta muito das questões psicanalíticas, fez um curso no Sedes de orientação de família. Ambas têm uma disponibilidade interna e uma sensibilidade para escuta, que não se dá só por quem é psi. Por tudo isso digo que essa atividade é fruto de um encontro.

Você diria que inicialmente havia a idéia de um espaço lúdico, que em razão de seu olhar psicanalítico, se desdobrou num trabalho terapêutico?

Queríamos criar um espaço que favorecesse a singularização.

E como foi o começo dessas idéias até desdobrar-se nos resultados alcançados?

O grupo vai se transformando muito. Como eu disse, tudo pra gente tem um sentido e um desdobramento. Tem a capacidade de o paciente absorver a experiência e se desenvolver. No início, o grupo não tinha capacidade de ficar em uma

atividade: era um entra e sai, uma criança tinha ansiedade de separação e queria ficar com a mãe, outra tinha a questão da falta de controle dos impulsos. Foi, então, que resolvemos conversar e eles propuseram que fossem estabelecidas regras. Foi super legal! Na sala, existe um painel escrito por eles. No Hospital-Dia, uma atividade não existe por si só, existe a possibilidade de um desdobramento. Por exemplo, muitos não sabiam ler e aí combinamos que na classe hospitalar escreveríamos as regras. Eles repassaram pra professora que os ajudou a escrevê-las. O estabelecimento de regras representa, por um lado, a necessidade de organização interna e das relações interpessoais, por outro, as referências concretas de comportamento social que dêem suporte para o autocontrole dos impulsos. Portanto, estar no grupo de histórias exigiu, e ainda requer a cada momento, o desenvolvimento de uma organização social associada a esta experiência, que se estende para o mundo de relações das crianças fora do contexto da atividade. Regras são elementos de organização, estruturantes, para que a prática possa justamente acolher os aspectos caóticos ou desadaptados dos pacientes. A atividade deve possuir um aspecto de flexibilidade que permite a exploração, o aparecimento de novas possibilidades e de modificações de acordo com o processo grupal. Isto não é sinônimo de rigidez, pois se assim fosse perderia a singularidade de cada paciente e as características do grupo. A primeira regra é respeitar os amigos, depois bater na porta antes de entrar quando a criança sai da sala, não

mexer no computador da sala, etc. Às vezes, quando o grupo começa a infringi-las dizemos: "Está na hora de lermos nossas regras!" Eles se acalmam, porque as regras têm um sentido de reorganização interna. Se não existem, fica caótico. Muitas vezes, elas ficavam tomados pelo caos que estava sendo externalizado no grupo e não conseguiam fazer mais nada.

Existe uma divisão de aproveitamento do horário?

Dividimos o tempo em três etapas: a primeira é o manuseio de vários livros, quando eles escolhem quantos e o que vamos ler. Começamos a trazer alguns livros que tinham relação com a temática do luto e os tradicionais contos-de-fada. Essa semana que passou, eles queriam ler de novo o livro dos monstros, da Ana Maria Machado. É a história de um menino que vê um monstro, que chama sempre um mais feio para assustar o anterior e tem aquela narração bem repetitiva e bem organizada. Um monstro com uma boca e um olho, depois duas bocas, depois um olho, duas bocas e três chifres... Chama O domador de monstros. E tem os livros novos, O Vira Lata, que é uma questão de abandono do cachorro, O Marley, que é um cachorro super desastrado. No grupo tem uma criança que é desorganizada e que o grupo teve dificuldade para aceitá-lo. No livro, Marley acaba sendo aceito daquela maneira do jeito que ele é. O livro tem uma semelhança com o sonho, as imagens são condensadas de significado e de simbolização. A repetição de uma mesma história implica em permitir à criança desenvolver um domínio sobre suas angústias através daquilo que se torna

cada vez mais conhecido.

A proposta é de ser um grupo de contação de história, mas poderia ser um grupo lúdico de brincar?

Foi um encontro entre o Hospital-Dia e a ONG e eu acho isso muito interessante. A atividade começou a ter consistência, exatamente por ser um encontro e ambas as partes se proporem a realizar o trabalho.

Vocês tinham inicialmente uma diretriz, um embasamento teórico que permeava o trabalho?

Não, foi muito engraçado, porque partimos de algo mais lúdico e experimental e só depois começamos a ler pra teorizar sobre o que foi se desdobrando, pois sentimos necessidade de formular algo mais conceitual. E houve um encontro de experiências entre o que os autores traziam como questões e o que também observávamos. O último livro que eu li foi Curando com histórias, do Gilberto Safra¹. Ele desenvolveu uma pesquisa sobre a leitura de histórias no atendimento de crianças e foi aprimorando o conceito de consulta terapêutica. No livro, ele descreve a sua experiência e a teoriza. Ele fala de espaço potencial, que, pra mim ainda era teórico, e quando eu li novamente, no contexto descrito por eles, eu pensei: "Nossa! Essa é uma vivência que às vezes consigo ter no grupo!". Montamos uma caixa lúdica pro grupo com brinquedos e materiais plásticos como massinha e papel. Eles pediam pra levar esses materiais pra casa e decidimos aceitar por acreditar que era uma oportunidade muito interessante pra desenvolver a auto-confiança. Então, a atividade ficou

das histórias, é uma estimulação, é uma fase de mobilização, quando fazemos a leitura inicial. A segunda é a expressão dos sentimentos através de materiais plásticos e dramatizações de brincadeiras. E a terceira tem a ver com o desenvolvimento da auto-confiança: eles podem escolher um brinquedo da caixa e levar para casa. Mas isso também pode ser muito angustiante. Mas o que a gente observa é que nem sempre é fácil. Muitos não querem levar nada e a gente respeita.

Eles acham que não vão poder cuidar?

Sim. Às vezes, a gente vai com eles até a mãe e fala: "Olha, ele vai levar isso e ele precisa da sua ajuda pra cuidar e trazer de volta na semana que vem", mas as mães às vezes também não conseguem.

E quando eles perdem?

Eles têm que repor isso com algo que eles tenham em casa. Coisas simples. Isso gera uma frustração. Atualmente, eles estão abandonando a idéia de levar o brinquedo. Eu acho que quando um elemento perde o sentido, temos que deixar.

Eles estão voltando pra história?

Eles estão ficando mais na história. No momento, eles também pararam de utilizar o material plástico e resolveram dramatizar. Por exemplo, brincam de escolinha ou de contos de fada. A partir disso, surgiu uma peça de teatro, que se chamava A festa da

(1) Safra G. (2005). Curando com Histórias. São Paulo: Ed. Sobornost.

Bela. Era uma festa, porque nós tínhamos tantas princesas e tantos príncipes... também tinha o lobo mau, e uma bruxa (uma contadora tem uma risada de bruxa que eles morrem de rir). Isso é possível, participamos mesmo.

A história acaba sendo o disparador?

Ela é um instrumento, um facilitador pra emergência do conteúdo e pra elaboração durante a vivência. Então, eu entendo o grupo como um grande campo de experimentação.

Eles não podem pra levar o livro pra casa?

Agora estamos iniciando essa combinação. Uma das crianças se interessou por um gibi grande, ela estava com dificuldade para aprender a ler e uma das contadoras conseguiu nessa ONG um gibi grande. Então, pensamos na sacola do livro, que é uma coisa que vamos propor pra eles. A gente vai propor: cada semana uma criança leva um livro, alternadamente. Vamos discutir se vai ser esse Gibi ou vai ser outra coisa. Estamos pensando em dividir os livros que podem e os que não podem ser levados. Tudo isso vai ser desenvolvido ali com eles.

Eles apresentaram a peça aos pais?

Eles apresentaram pra todos que quiseram assistir. Ficou uma coisa muito "mega" com um peso grande. Depois fizemos outras atividades, mas dessa vez, foram internas. Uma foi um acampamento. Cada um seria de um

país: um deles escolheu ser o Japão e então a professora da classe hospitalar aproveitou e mostrou no globo onde está o Japão. Eles achavam que a gente vivia dentro da Terra! Foi super legal, porque isso possibilitou outro trabalho! A professora fez também um trabalho de leitura e escrita. Eles querem ler o livro em voz alta agora. É super emocionante ver o desenvolvimento da leitura deles! Eles montaram então o acampamento: cada um trouxe um lençol de casa, montamos as barracas em cima das mesas e cadeira. Foi interessante, porque eram dois pra dividir o mesmo espaço da barraca.

Foi uma atividade que ocorreu só durante o dia?

Sim. Foi uma história que foi criada ali. Em um determinado momento, eles estavam super agitados e eu precisei falar: "Gente, está escurecendo no acampamento. Acho que cada um precisa ir pra sua barraca dormir um pouquinho". Era pra ver se baixava um pouco a agitação.

São quantos coordenadores?

Somos em quatro. As duas contadoras de história, a aluna do aprimoramento e eu. São quatro pra sete crianças.

E os bastidores disso, vocês tem algum tipo de encontro formalizado de discussão?

Depois que encerramos a atividade com o grupo, conversamos um pouco. O trabalho também tem sido enriquecedor para mim pessoalmente, pra minha relação com o meu filho. Assim como, na escola do meu filho, tem a sacola do livro, que eu acho que é

algo bem concreto, fácil deles incorporarem. O grupo tem proporcionado o diálogo entre a realidade interna e a realidade cotidiana, tanto a deles como a nossa.

Vocês observam alguma evolução no quadro clínico dessas crianças?

Sim. Porém, é difícil atribuir isto a uma atividade só, quando o trabalho que o Hospital-Dia faz é em um conjunto. O grupo de histórias entrou como uma atividade e foi incorporada. Enquanto terapeuta, tenho uma função no grupo. Estou irrestritamente com eles, compartilhando com eles, vivenciando com eles e sendo espontânea. O meu olhar de psicanalista está incorporado em mim, com minha prática e ele é importante para o grupo. As histórias "contadas" no grupo ou temas levemente abordados pelo processo grupal podem dar impulso a outras atividades do Hospital-Dia, indicando um continuum e uma integração do ambiente terapêutico como possibilidade de integração do self. Voltando pra a questão teórica, uma das coisas mais importantes nos contos-de-fada que, assim como nas histórias contemporâneas, é que o herói é capaz de dominar uma situação. Apesar de toda angústia, consegue lutar contra as vicissitudes que vão surgindo. A meu ver, é isso que torna as histórias algo de uma aceitação tão universal. As histórias propõem a não negação do conflito e "o acreditar" que você vai conseguir elaborar essa situação. As histórias tem outra questão, elas de fato entretêm, despertam a curiosidade. Só precisa acender o paviozinho. Não temos a proposta de ficar interpretando.

Não do jeito clássico, mas é uma intervenção terapêutica na medida em que vocês oferecem um estímulo adequado para a criança, propiciando momentos de elaboração e construção simbólica.

Sim, o profissional está ali auxiliando no processo de elaboração, como um agente facilitador.

Você acha que daria pra aproveitar essa experiência fora da instituição? Você faz esse trabalho no consultório?

Acho que seria possível, mas no consultório é diferente também. Quando alguém procura o atendimento no consultório, geralmente vem com uma demanda de atendimento individualizado. O desafio do trabalho no grupo é você justamente conseguir fazer um trabalho de captar ali uma linguagem grupal, que reflete o interjogo entre a história do livro e a história de vida da criança. Como Safrin coloca, "cada nova experiência muda a posição da pessoa no mundo, na relação com os outros" (Safrin, 2005, p. 23).

Gostaríamos de agradecer sua disponibilidade em nos receber e por sua generosidade em compartilhar conosco, do Sedes, o seu trabalho.

Eu também quero agradecer ao convite e a oportunidade de conversar sobre o trabalho que temos desenvolvido nesta instituição.

Adriane Bacellar Duarte Lima é formada pela PUC-SP (1990); Especialista em psicologia hospitalar; Psicóloga do Serviço de Psicologia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP.

NUMA CONVERSA PLENA DE MEMÓRIA E HISTÓRIA, MARY ONO NOS CONTA COMO NÃO APENAS TESTEMUNHOU O PERCURSO DA PSICANÁLISE EM SÃO PAULO, MAS FEZ PARTE DE MOVIMENTOS QUE MARCARAM ÉPOCA E FORAM TRANSFORMADORES NO ÂMBITO SOCIAL, NA PSICOLOGIA E NA SAÚDE MENTAL.

Gostaríamos que você começasse contando um pouco do seu percurso na psicanálise. Sabemos que você esteve presente em momentos importantes da história da interface Psicanálise/Saúde Mental em São Paulo, poderíamos começar por aí...

Fiz um percurso um tanto quanto alternativo na psicanálise, o que foi uma opção. Venho de um tempo em que a Psicanálise, na USP, estava em baixa. Era a década de 1970, e o que era novidade e concebida como uma psicologia científica, na época, era a linha da psicologia comportamental. Alguns analistas da Sociedade que estavam na USP tinham saído de lá e a Psicanálise não era predominante. Mas era um momento também em que, na Argentina, havia muito trabalho institucional e todo na linha analítica: os trabalhadores da Saúde Mental, os de Ciências Humanas, todos tinham uma base psicanalítica, principalmente em Buenos Aires. Esse jeito de se fazer psicanálise começou a ter entrada aqui e me fascinou, já que sempre tive preocupação com o campo social. Era o tempo da anti-psiquiatria, um momento de transição, de uma certa derrocada do projeto social de transformação de 1968, a destituição dos valores que vinham, e a

psicanálise acabou até se constituindo como uma idéia de um outro nível de transformação possível, não mais a transformação política mais ampla. Acho que uma turma dessa geração pegou carona nessa idéia; outros preferiram a psicanálise clássica, seguir a formação do jeito que era.

E o que você chamaria de alternativo nesse percurso?

Uma retomada da Psicanálise, mas uma Psicanálise que estava se abrindo para um outro tipo de aplicação, de cunho social, para a área de Saúde Mental. Minha proposta não era virar uma analista clínica, mas viabilizar a possibilidade da aplicação da Psicanálise. Era um momento em que havia pouca possibilidade de se fazer uma formação específica em psicanálise, mas, ao mesmo tempo, havia essa possibilidade de trabalhos psicanalíticos, sobretudo na Argentina, que era nossa influência mais direta. E lá, muitos haviam sido analisados nos serviços públicos, não era análise nos consultórios privados. Isso foi uma possibilidade de ampliação da rede analítica, só que essa ampliação demandava uma formação. Nessa época, em que comecei a trabalhar, iniciaram-se as tentativas de um trabalho de Saúde Mental no Brasil

para além dos manicômios, muito em função das discussões da anti-psiquiatria, da influência das ideias do [Franco] Basaglia, na Itália, da desmanicomialização, que era de tirar os psicóticos de um asilamento e de uma proposta somente medicamentosa. Só que não havia aqui o trabalho ambulatorial, não havia uma outra rede que desse suporte para essa área da saúde. É nessa esteira que vêm os Centros Comunitários¹. Comecei nesse trabalho no Centro de Parelheiros, onde o serviço foi montado por psicanalistas, havendo inclusive analistas da Sociedade². O projeto era realmente uma idéia de ver a aplicação da Psicanálise na Saúde Mental. Havia uma idéia de prevenção, mas, de fato, estávamos preocupados em conseguir que o ambulatório servisse como uma espécie de indicador: os casos clínicos que apareciam nos ambulatórios eram encarados como sinal dos problemas da comunidade, apontando pólos conflitivos no social. Participei de um grupo na comunidade de Parelheiros que trabalhou com crianças deficientes e que apresentavam também alguma questão psicótica. Era uma comunidade muito pobre, sem recursos – ainda é hoje. As mães deixavam essas crianças presas, por

(1) "Em 1971, Luiz Cerqueira era o coordenador de Saúde Mental do Estado de São Paulo e seria responsável por um projeto proposto 'as cadeiras de Psiquiatria das cinco principais faculdades de Medicina do Estado para desenvolver pesquisas sobre modelos de atenção à saúde mental alternativos à intervenção psiquiátrica, caso do Centro de Saúde Mental de Parelheiros (Med. Osec) e do Centro Escola Butantã (Med. USP), que serviriam a experiências de caráter psicanalítico a muitos profissionais até meados de 1990." (fonte: Ono, M. & Soares, M. D. *Psicanálise com crianças: histórias que configuram um campo*, in *Psicanálise com crianças – perspectivas teóricas-clínicas*, Adela Stoppel de Gueller e Audrey Setton Lopes de Souza (org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 45)

(2) Wilhelm Kenzler foi o idealizador e coordenador desse projeto

medo ou até porque não tinham com quem deixar. Então, se organizou essas mães a partir do momento em que elas vinham ao Centro trazer seus filhos. Construímos possibilidades de que essas mães se agrupassem, contratassem uma professora, decidissem como encaminhar o trabalho. Esse projeto se chamava LACE (Legião de Atendimento à Criança Excepcional). Cheguei dois anos depois que o projeto já estava acontecendo.

E como entrava a Psicanálise nesse momento?

Foi nessa época que se começou a trabalhar com grupos. Esses analistas também estavam começando a fazer trabalhos em grupo, na linha do Bion e na linha do Pichon-Rivière. Por causa disso que se foi atrás da formação. Então os próprios analistas estavam fazendo as suas experiências, de um trabalho analítico em grupo. É a época em que se inicia também a ideia de equipes multidisciplinares. A primeira equipe de Saúde Mental que foi contratada para a Secretaria de Saúde, os postos de Saúde – que depois viraram Centros de Saúde – era composta por um assistente social, um psiquiatra e um psicólogo e foi treinada em Parelheiros, porque lá a gente tinha toda essa experiência se desenvolvendo. Essa experiência começa em 1974.

A possibilidade de formação em Psicanálise no Sedes ainda não existia?

Não. Na verdade, essas coisas começam a acontecer um pouco junto. A iniciativa de se montar um curso de

Psicanálise no Sedes foi da Regina [Chnaiderman] e do Roberto [Azevedo]. No início, esse curso se chamava Psicoterapia de Orientação Analítica – porque nessa época Psicanálise era somente a da Sociedade. A questão fundamental era psicoterapia *versus* psicanálise, e analista era quem tinha feito formação na Sociedade, porque era ligada à IPA. Hoje em dia, essa questão está posta, mas não é a mais significativa, atualmente a mais presente é a questão das escolas, ou da herança freudiana.

E a sua entrada na Psicanálise se dá então através desse curso que estava se iniciando no Sedes...

Exatamente. Venho de uma história da USP de militância em centro acadêmico e a Miriam Chnaiderman tinha uma participação também muito ativa nessa área. Fizemos uma publicação meio caseira que se chamava PsiRevista, ainda durante a faculdade, e, por conta disso, tínhamos contato. A Miriam trazia contribuições intelectuais importantes, alguns nomes que, na época em 1970, eu nem tinha idéia de quem fossem. Enfim, entrei no segundo ano em que esse curso foi proposto.

Não, somente com os brasileiros: o Isaias Melsohn, Fabio Herrmann, que não era ainda didata, e outros. Os argentinos vêm em 1978: Ana Maria Sigal, Mario Fucks, o casal Bigliani, justamente porque os didatas daqui tiveram que sair do curso, pois foi colocado assim pela Sociedade. Isso coincidiu com a vinda dos argentinos

em função da situação política no país deles. E eles se fizeram presentes não somente no Sedes, mas também em outros espaços. Para nós, esse curso foi a solução, éramos recém-formados, não fazíamos uma formação mais institucionalizada como se faz hoje em dia, quando se procuram cursos. Naquela época, a ideia eram grupos de estudos informais e supervisões clínicas, e a partir disso, pensava-se numa formalização – que podia ser na Sociedade. Mesmo no curso do Sedes, as pessoas não começavam sua formação ali, elas já chegavam com uma certa bagagem.

Podemos dizer que sua escolha pelo Sedes se deu também por uma identificação com o pensamento vigente no Sedes, na época, como instituição que teve participação no movimento de abertura do pensamento político?

Sem dúvida. Essa foi a minha experiência e posso dizer que houve uma escolha porque havia uma identificação com as propostas do Sedes, de ser um espaço para o cidadão, que tinha uma inserção política importante, que havia uma abertura para a discussão de questões políticas, lembrando que ainda estávamos, nesse momento, numa situação de ditadura.

E como foi o desenrolar dessa sua escolha de formação pelo Sedes? Sabemos que você foi se envolvendo cada vez mais na aplicação da Psicanálise no social, em projetos do próprio Departamento de Psicanálise.

Pois é, minha proposta de formação

nunca foi de uma Psicanálise clássica, nem pretendia estar nessa posição mais ortodoxa de analista. A ideia era fazer uma formação clínica, porque acho que sem isso é muito difícil podermos ser analista. Minha intenção, naquele momento, era fazer uma formação analítica que me permitisse trabalhar em campo e ligada mais à área de Saúde Mental. E o curso de Psicanálise, nesse início, privilegiou muito as pessoas que estavam trabalhando em instituição. Havia um interesse não somente numa formação analítica específica, mas um interesse em formar – isso tinha muito da tradição argentina de formar trabalhadores da saúde mental, que tivessem um embasamento analítico.

Mas os projetos do Departamento de Psicanálise, tanto na prefeitura quanto no estado, vieram um pouco depois.

Quando me decidi pelo curso, já estava trabalhando em Parelheiro. Ana Pita, foi da minha turma no Sedes e era psiquiatra de uma projeto similar no Butantã. Quando ela se tornou coordenadora da área de Saúde Mental (do Estado) resolveu incrementar o projeto de Saúde Mental – abriram-se novos ambulatórios, expandiu-se o projeto e, ao mesmo tempo, se propôs uma formação para esses profissionais da Saúde Mental. A Ana Pita propôs um incremento dessa rede e uma formação para os trabalhadores em Saúde Mental, para que pudessem oferecer psicoterapia, e não somente diagnóstico ou tratamento medicamentoso. Vem então o pedido ao Sedes, que tinha uma proposta de Psicanálise que pudesse intervir no social, numa

entrada mais ampla nessas atividades de Saúde Mental.

E no que consistia de fato o projeto?

O curso de Psicanálise montou essas atividades – nesse momento ainda não havia o Departamento – e fui convocada para essas atividades, esse trabalho que era alternativo e de formação. Ele começou em 1984. Era um projeto de formação desses trabalhadores, trabalhávamos com alguns textos teóricos, mas também discutíamos a clínica. Não era uma supervisão institucional, mas uma supervisão do trabalho em instituição. Montamos seminários teórico-clínicos como uma proposta analítica, não cursos breves, rápidos. A ideia era de atividades que fossem mais reflexivas, nas quais eles se implicassem, a partir das quais pudessem refletir sobre suas atividades e propor uma certa organização em relação ao trabalho que estavam fazendo. Fui convocada justamente para dar os seminários com profissionais que trabalhavam com crianças porque eu já vinha da experiência de Parelheiros, onde trabalhei com grupos de crianças.

O trabalho com criança esteve presente desde o início então?

Sim. E foi ao longo do tempo que fui me dedicando aos adultos também, mas a atividade inicial foi com crianças e, principalmente, pela área escolar, mas acabei vindo para a área da clínica e clínica mais institucional.

A questão da transmissão da Psicanálise em seu percurso entra nesse momento então.

Sim. Fui chamada por ter feito o curso e ter experiência nessa área. Fiquei dez anos nesse trabalho, de 1984 a 1994. Nesse meio tempo, o curso de Psicodinâmica Infantil – o precursor do nosso curso hoje – me chamou para dar aula, em 1987. A Ada já era professora e foi quem me convidou. Havia uma aproximação desse curso com o de Psicanálise - Lia e do Afrânio, que haviam sido alunos do Psicanálise também haviam sido chamados pela Cecília [Comparato] para desenvolver o aspecto psicanalítico. Naquela época o curso comportava Neurologia, Serviço Social, etc. A partir dessas inserções, desenvolvemos um projeto que acabou resultando no curso de Psicanálise da Criança, depois de algumas transformações ao longo dos anos, em que foram saindo os antigos professores e aumentando o número de psicanalistas envolvidos.

E nesse momento da montagem de um curso com contornos mais psicanalíticos, aquele alternativo a que você havia se referido no início, ficou de pano de fundo, não?

Sim, um pouco. Mas acho que o alternativo aí fica por conta da Psicanálise com crianças. Há essa questão de que não há um curso de formação em Psicanálise de crianças mais sistemático, mais efetivo. E Psicanálise de criança sempre foi algo questionado como estando ou não dentro do campo da Psicanálise. Hoje é que falamos de boca cheia "Psicanálise de criança".

O que encanta a você é ficar com

esse recorte do alternativo...

Acho que de iniciar um novo movimento, de abrir um espaço para que isso aconteça. Eu também fiz parte, por exemplo, das primeiras atividades de formação feitas fora de São Paulo. Na primeira solicitação feita para o Sedes, fomos, a Eliana Vaz Macia, a Cleide Monteiro – que era a organizadora do projeto – o Bernardo Tanis e eu para Londrina num projeto de formação de dois anos. Hoje existe o grupo de transmissão do Departamento de Psicanálise para esta atividade. No nosso curso, atualmente, embora tenhamos uma formação que é mais clássica, temos essa proposta também das supervisões serem de trabalhos de outra ordem, trabalhos que impliquem outro tipo de intervenção que não somente individual, outra frequência, temos a proposta de pensar outras formas de intervenção, mas não num formato sistemático. Não conseguimos chegar a definir ainda, mas seria mais desafiador do que alternativo.

Podemos pensar dessa forma também na pluralidade de orientações no Departamento hoje?

Se, hoje em dia, a ideia de escola é algo que é mais aceito, a nossa proposição de ir abrindo espaço para várias linhas dentro da Psicanálise é um certo desafio, é uma marca do nosso Departamento. A orientação plural dos nossos professores vem da nossa própria história, que era um curso de psicodinâmica, que abarcava o bio-psico-social, que também já tinha uma pluralidade ali.

Há então uma herança dessa

montagem inicial do curso?

Sim, nessa ideia de integração. Acho que na década de 1970, quando começaram as ideias das equipes multidisciplinares, nós tínhamos um projeto de possibilidade de interlocução, mas também de complementaridade dos discursos. Hoje em dia, não pensamos mais numa integração, mas mais numa possibilidade de interlocução, o que é mais plausível, já que são discursos diferentes mesmo, que não vão dar necessariamente num todo, nem vão se complementar. Temos isso como marca dentro do curso e que tem a ver com uma equipe que, de certa forma, foi podendo encarar isso e arcar com isso, até se propondo a fazer dessa diversidade uma de suas características.

Frequentemente, pensa-mos em você como alguém com quem conversar sobre as marcas históricas. Você se reconhece nisso?

Claro, como alguém de testemunho da história.

Temos abordado no BOLETIM várias nuances dessa nossa história, mas há uma questão que parece muito particular sua. E estamos aqui numa entrevista muito histórica, você mencionou as heranças... O que será que isso tudo pode significar para você?

Tenho uma leitura minha, uma leitura analítica mesmo, que tenho um real interesse pela história. Por acaso, fui testemunha e personagem nas histórias porque participei da

montagem de alguns projetos que realmente foram criativos. Não foi essa a intenção, mas mais pelo desafio e pelo interesse que eu tinha, por exemplo, no projeto de Saúde Mental, da formação com trabalhadores, da atividade com crianças... Foram atividades com um sentido histórico também, não consigo ver a Psicanálise desligada do laço social, é uma posição particular minha. Não acho que ela seja asséptica, ela realmente tem que estar envolvida com o momento, acho que ela tem uma inserção no social. Quanto à questão histórica, mais particularmente, me chama a atenção de que tenho uma certa facilidade de trazer esses fatos e fazer uma articulação entre eles. Sou vanguardista no sentido do desafio, mas por outro lado, sou muito conservadora porque penso que nem toda história vai virar História. Existem algumas iniciativas que acho super interessantes, mas estou olhando para ver. Não acho que qualquer iniciativa é bárbara, e talvez isso venha da minha história cultural – que não é a minha especificamente, porque sou brasileira – mas que, de qualquer forma, tenha a presença de um registro cultural para o qual a história tem um outro peso. E não é somente pelo fato da minha família ser de imigrantes, mas pela própria cultura japonesa, que é milenar. Existe algo que é da cultura da qual eu venho para a qual o valor não é o do hoje, do agora, mas algo que tem tradição. E aí tem uma outra parte que é conjuntural, que se liga com essa questão de ser imigrante: eu sou nascida aqui mas não tenho uma história aqui. Então também a história é uma forma de se criar raízes, é importante fazer uma inserção na história. Quanto à Psicanálise mais

especificamente, fui uma das poucas orientais no Sedes durante muitos anos. Hoje está um pouco diferente. Mas essa é uma outra questão, acho que a Psicanálise não tem nada a ver com a tradição oriental. E penso que Lacan, por ter uma entrada pela cultura, até tenha um atrativo para os orientais, mas se formos pelo lado mental, aí realmente não é o lado mais forte.

Bom, essa é uma questão que daria mais uma entrevista, é um recorte bem interessante. Mas você acha que essas suas características, esse seu jeito, se refletem também na sua escolha pela escola dentro da Psicanálise?

Meu início foi kleiniano. Estudei Melanie Klein durante muitos anos porque também essa era a opção que tínhamos, sobretudo para quem trabalhava com crianças. Só que comecei a me perguntar se a questão amor-ódio era a fundamental, e nisso encontrei o Freud no curso de Psicanálise. Nesse sentido, a formação freudiana realmente me deu um outro olhar para o universo psíquico. E essa formação freudiana é com a qual eu me identifico hoje. Tenho uma aproximação com a escola lacaniana, mas não tenho uma formação lacaniana suficiente para me dizer assim. A minha proposição é uma linhagem freudiana e aí vou encontrando algumas interlocuções possíveis, algumas coisas do Laplanche, algumas do Lacan, mas meu eixo é freudiano.

Atualmente há algo que lhe interessa mais na Psicanálise, alguma questão, algum recorte que você esteja estudando?

Continuo pensando a questão dos pais.

Essa é uma questão recorrente na prática com crianças.

Sim, acho que num certo momento, tomaram-se os pais, ou o entendimento do que eram os pais, para propor atendimento familiar ou a idéia de que a questão da criança acaba implicando também uma questão familiar. Mas enfim, se há uma articulação entre a questão da representação dos pais e a criança isso não implica diretamente a resolução de questões familiares. A questão familiar é outra. A representação que a criança ocupa na organização psíquica dos pais é importante e trabalhamos com isso diretamente em algum momento. minha proposição nunca foi trabalhar a situação familiar, resolver conflitos familiares. A proposição é de que os pais possam perceber qual é o lugar que a criança está ocupando para eles e por parte da criança, que ela tenha possibilidade de escapar disso ou de poder circular nessas posições de uma forma um pouco mais própria. Ai sim há uma diferença porque não acho que seja uma representação mental somente da criança. Se ela organiza a realidade de uma certa forma, isso não é somente de uma ordem interna, pulsional; é alguma coisa da ordem do intrapsíquico, ou seja, é uma questão dela, mas que foi constituída a partir de um certo lugar onde ela é colocada, que vai determinando leituras do que acontece e se os pais permitem a ela

ou não sair desse campo em que ela esta capturada. Desse ponto de vista, não me coloco mais numa linhagem kleiniana, embora em algum momento use seus conceitos ou pensamentos.

Mudando um pouco de assunto, você esteve muito perto dos preparativos para o Colóquio dos Cem Anos do Hans mas não foi da comissão organizadora. Você teve um lugar privilegiado desse ponto de vista, de estar meio dentro, meio fora, o que você conta para nós a partir daí? (Mary foi da comissão científica)

O evento foi super importante em dois sentidos: cem anos de Pequeno Hans é a passagem de um cometa, um Halley, e a possibilidade da gente ter utilizado essa situação para podermos nos apresentar, apresentar as atividades do Departamento. Isso tudo nos coloca em um lugar especial, sobretudo o Departamento, num lugar de interlocução com a psicanálise e a psicanálise de criança. Acho que isso foi muito interessante e muito bonito, a possibilidade de que essa interlocução se realizasse. Acho que não só foi uma convocatória a que muitos responderam, mas acho que justamente a psicanálise da criança é uma certa alternativa ainda, de fato não há um simpósio, um lugar mais específico de reunião dos trabalhos e das atividades. Acho que essa convocatória desse grupamento para que se apresentasse e apresentasse seus trabalhos foi a oferta de um espaço muito especial. E há uma especificidade que é a nossa que, temos tensões e embates em relação à pluralidade e temos exercido a pluralidade de fato. Essa é uma

característica que resolvemos assumir. Acho que foi uma briga nossa durante muitos anos, se era de fato isso que deveríamos fazer ou não, porque justamente havia essa discussão de quem era o herdeiro legítimo de Freud. Num determinado momento, havia Klein, que saiu da segunda tópica, e então se dizia que a partir de Freud e falou sobre coisas que ele não havia pensado e inventou uma nova metapsicologia; e Lacan, a partir da metapsicologia freudiana, fez uma releitura, mas que também é uma nova metapsicologia, não só uma evolução. E hoje acho que isso é mais fácil de encarar, mas no começo da nossa história, mesmo da minha, era uma heresia; afinal, não se podia misturar psicoterapia e psicanálise, a velha história do ouro da psicanálise e o cobre da psicoterapia, que vem mesmo da época do Freud.

O Colóquio pode ser considerado uma coroação de tudo isso que você contou. Representa um momento de maturidade do Departamento e que foi possível também porque ocorreu dentro de uma instituição como o Sedes.

Exatamente. O Sedes é um local que permite essa pluralidade e essa circulação de vários pensamentos diferentes, ele se propõe a isso e nós, particularmente, dentro do Sedes, de alguma forma, nos identificamos com essa proposta. Então o curso tem essa marca como especificidade e que nós resolvemos bancar e que agora ficou estampado. E tem sido interessante porque isso tem permitido interlocução sem virar um "pan-demonismo", sem ser monoteísta, mas também sem acender vela para qualquer um.

Você acha que, a partir do Colóquio, houve conteúdos que apontam para questões futuras que precisam ser mais conversadas, porque estamos falando muito nas avaliações de que “que bom que chegamos até aqui”. Gostaria de saber se você identifica algo para onde o Colóquio possa ter apontando, em relação ao Departamento ou em relação à Psicanálise com Crianças. E pensando também nesse um ano seu à frente da coordenação do curso.

Acho difícil de avaliar porque estou no curso há 20 anos e, de alguma forma, tenho participado da coordenação durante todo esse tempo. Tem sido interessante para mim, por um lado, pensando nessas histórias todas, nesses desafios iniciais, nas apostas, foi muito surpreendente e muito gratificante nós conseguirmos estar nesse lugar e termos conseguido promover esse evento, não só pelo tamanho dele, mas porque de fato ele concretizou um pouco a possibilidade dessas trocas, dessa pluralidade – claro, dificuldades, erros, isso sempre há – mas tudo aconteceu de uma forma muito fluente, fluida, as pessoas conseguiram uma interlocução. Acho que isso mostrou justamente como talvez falte esse espaço, pelo número de gente que apareceu. E como horizonte, estamos com algumas questões de rever alguns pontos da programação do curso, por ex., incluindo a intervenção precoce. Acho importante poder pensar não só na intervenção, mas, justamente, o que

essas intervenções, enquanto clínica, proporcionam como pesquisa para a gente poder entender psiquismo, psiquismo infantil, psiquismos mais precoces, e não só como deduções a partir do adulto. Em relação ao Colóquio especificamente foi interessante percebermos que existem muitos grupamentos trabalhando, e que poderíamos ter trocas mais efetivas, ter uma circulação e intercâmbios com outras instituições também. Mesmo nosso livro (*Psicanálise Com Crianças – Perspectivas Teórico-Clínicas*)⁽¹⁾ acho que, se não é exatamente uma nova posição no campo, é uma sistematização que dificilmente você vai conseguir fazer, porque justamente é um grupo que trabalha há muitos anos, com certa organização. Acho que sua particularidade está justamente na sistematização do conhecimento que ele faz.

Bem, Mary, agradecemos a você pelas palavras, e acreditamos que essa entrevista mostrou que, além da importância da história, temos ainda muitos eixos para futuros temas de conversas entre nós, dentro do Departamento.

Agradeço a vocês pela oportunidade e interesse.

(1) *Psicanálise com Crianças: perspectivas teórico-clínicas*, Adela Stoppel de Gueller e Audrey Setton Lopes de Souza (org.). Casa do Psicólogo, 2008.

EXPOSIÇÃO

OCUPAÇÃO PAULO LEMINSKI: VINTE ANOS EM OUTRAS ESFERAS

Local: Itaú Cultural - Av. Paulista, 149
De 01 de outubro a 08 de Novembro.

Isso de querer ser exatamente aquilo
que a gente é ainda vai nos levar além

Após vinte anos da morte de Paulo Leminski, justiça começa a ser feita em relação à sua memória. Esse artista múltiplo, que foi capaz de, como poucos, manifestar sua inspiração e seu sentir sob diversas roupagens, tem sua vida e sua obra celebradas em uma exposição aconchegante, que acolhe harmonicamente a diversidade das formas estéticas que traduziram a sua rica experiência artística: a poesia, os manuscritos e escritos, as músicas e depoimentos.

Adentrando a Ocupação, logo se percebe que estamos diante de um artista que conseguiu transcender as reduções impostas tanto por um conhecimento indiferente à realidade quanto por um sentir do mundo fragmentado. Essas duas tentadoras ciladas de nosso tempo só poderiam ser evitadas por uma postura autêntica e ousada, na vida e na arte, tal qual a de Leminski. Isso porque, em sua experiência intelectual, arte e política, sensibilidade e engajamento, encontram um ponto de equilíbrio: caminham lado a lado.

Talvez por essa riqueza, que não deixa de ser uma ambigüidade bem mediada e representada, é que, quando visitei a exposição, notei que as pessoas corriam os olhos sobre as poesias e as fotos, capturadas pelo que viam. Muitas delas, em um determinado

momento, detinham-se em alguma poesia, foto, vídeo ou música. Alguns pegavam sua agenda ou um pedaço de papel e anotavam solitariamente. Deu-me a impressão de que buscavam algo que lhes fosse familiar, algo que as identificasse.

Pensei, então, sobre um conceito valioso da psicanálise, o de identificação, que representa um processo pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro.

Nesse sentido, a vida e a obra de Leminski, bem retratadas na Ocupação, são capazes de prover reflexões humanas, relacionadas à identificação. Demonstra ser, na simplicidade do cotidiano, o estabelecimento da articulação entre o que vemos e o que nos faz sentido, sendo por meio deste movimento que vamos nos constituindo.

De forma singular, o poeta conseguiu trazer à tona questões vitais que repousam no íntimo de cada um de nós, servindo assim sua arte como um meio de busca e de encontro de identidades.

Ivone Honório Quinalha

LIVRO

THERESE – CRÔNICA DA VIDA DE UMA MULHER

Arthur Schnitzler. Trad. Marcelo Backes. Rio de Janeiro- São Paulo: Record, 2008.

Este romance, escrito nos final dos anos 20 e retratando a sociedade burguesa de Viena desta época, nos seus hábitos, costumes e moral – descrições com as quais nós psicanalistas aprendemos a nos familiarizar -, prima também por uma familiaridade bem mais íntima com a psicanálise em outros aspectos.

Sua estrutura é de crônica, na qual os pequenos capítulos se sucedem sem uma relação visceral entre si, mas antes como um simples desdobrar de fatos consecutivos que vão se desenrolando com o tempo, e onde do tempo é subtraído qualquer poder de transformação. É uma descrição sutil, em forma e conteúdo, de uma compulsão à repetição (Freud, 1920). À heroína, ou antes, mártir ou vítima?, não resta saída possível da rede na qual se vê presa, rede brilhantemente descrita nos seus mais complexos aspectos, desde sua origem social e familiar, até a sua própria característica de personalidade, chegando no mais íntimo e inconsciente das suas motivações. Schnitzler abrange com maestria esta amplitude ao relatar a vida de Therese neste formato.

O fio (vermelho) une e perpassa os acontecimentos desta crônica, e se estende como um arco de um momento muito marcante no início do texto até outro, já nas suas páginas

finais, dois momentos, nos quais o autor abandona a crônica e se aproxima de um estilo romancado. Traz e descreve então algo da natureza daquilo que Freud chamou de realidade psíquica (Freud, 1900). Algo, cujo prenúncio já se delineia em uma vida vivida, internamente, em um clima de depressão ainda pouco aparente e, externamente, no desmantelamento de uma vida familiar burguesa aparentemente adaptada e normal. Ou seja, já está lá, muito antes de se consolidar como manifestação em ato de fato ou em afeto conscientemente percebido, conforme vai ser vivido mais tarde ao longo de sua vida. Neste sentido, notamos como os elementos básicos constituintes da realidade psíquica já estão presentes e são apresentados desde o início. O que acompanhamos ao longo das páginas, e o que se segue, é o desdobramento em ritmo de repetição, de compulsão à repetição, tanto em ato quanto em sentimento, sonho e alucinação - sua expressão. Sem dúvida uma leitura de grande riqueza para qualquer psicanalista!

Elsa Vera Kunze Post Susemihl

PSICÁNALISE

RESENHA

LIVRO

DESENHOS FORA DO PAPEL

Ricardo Rodulfo. Trad. Lia Pitliuk. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004
DA CARÍCIA À LEITURA-ESCRITA NA CRIANÇA

Nesse trabalho, Rodulfo parte de casos graves em associação a diversas patologias da vida cotidiana, para formular uma concepção sobre o corpo e os caminhos que o levam aos processos de subjetivação, despsiquiatrizando a psicanálise e desconstruindo estruturas que nos afastam da experiência do encontro.

O caso "menina do giz" traz uma criança supostamente psicótica, que repete em suas sessões a sequência de afastar-se de sua mãe, desenhar com um giz num espelho seus próprios traços, duplicando sua imagem nele refletida, deter-se frente a uma lousa, tentar traçar algo, e fracassar. Impotente e angustiada frente à situação, come o giz.

O autor se indaga: por que não consegue fazer sequer um risco na lousa? Por que come o giz como desenlace do seu fracasso? O que não comeu no lugar de mãe que precisou comer tal objeto não comestível? Por que retorna ao espelho? Por que sobre ele pode desenhar? Por que a sobreposição de traços em sua imagem?

O circuito, repetido indefinidamente na sessão, destaca os seguintes lugares: o corpo da mãe, primeiro lugar em que vive um filho, e viver nesse corpo é um acontecer psíquico e não apenas físico; o espelho, que convoca o narcisismo e

é um lugar importante para a reflexão psicanalítica sobre a unificação e reconhecimento do próprio corpo; a lousa, uma superfície de inscrição. Utilizando como metáfora as atividades da escrita e do desenho e inspirado no espaço transicional winnicottiano e em P. Aulagnier, explica então como se dá o processo constitutivo do corpo, espaço de ligação entre o somático e o psiquismo representado. Desenhar e escrever corpo são operações que constituem um processo de subjetivação, a vivência de satisfação vista pelo autor como um jogo amoroso de acariciar entre a criança e o Outro e a carícia sendo privilegiada da escrita do corpo.

Diante de uma clínica com patologias graves, Rodulfo inaugura uma teoria psicanalítica para a sensação: as formações pictogramáticas de Piera Aulagnier servem como embasamento para a montagem de encadeamentos significantes. Com esse pictograma constituído, a criança pode pôr-se a escrever significantes. Delimitando os planos do significante e do pictograma, diferencia desejo insatisfeito, ou falta, da dessatisfação devida a uma experiência de vivência fracassada, que faz do corporal um buraco – e a leva a comer o giz.

Os demais casos do livro falam de algo rompido quanto ao traço ou algo de traço rompido, o que permearia a vida

da criança ou do adulto, dificultando os caminhos da escrita do próprio corpo, refletidos numa folha de papel, no divã do analista ou mesmo nas cenas mais banais da vida cotidiana.

Larissa Nunes

ACONTECEU

APRESENTAÇÕES DOS MEMBROS DO DEPTO NO COLÓQUIO 100 ANOS DE PSICANÁLISE DA CRIANÇA

> **Adela Gueller** foi comentadora do caso clínico e apresentou *Um nome proibido, uma história perdida*

> **Lia Rudge e Sandra Ungaretti** apresentaram o trabalho *A Criança no abrigo: o lugar do educador na constituição desse sujeito*

> **Daniela Tescari, Luciana Lima e Mara Evangelista** apresentaram o trabalho *Do Pequeno Hans aos bebês: configuração do campo da clínica psicanalítica de intervenção precoce*

> **Denise Feliciano** apresentou *Hans pela lente caleidoscópio*

> **Eloisa Lacerda** apresentou *O caso "A bailarina"*

> **Elsa Susemihl** apresentou *O brincar: a alucinação e o sonhar na relação analítica*

> **Fernanda Fonoff** apresentou *Os heróis, as princesas e o imaginário infantil*

> **Josefina Carvalho** apresentou *A Condição subjetiva e a aprendizagem: o caso de uma criança surda*

> **Lia Rudge** apresentou *Pensando a articulação entre os tempos pré-edípico e edípico*

> **Lia Pitliuk** apresentou *Polimorfismo/perversão/infantil: elementos para um estudo da compulsão alimentar em uma criança*

> **Magaly Callia** foi comentadora do caso clínico e apresentou em conjunto com Mariângela Mendes de Almeida, Maria Cecília Pereira da Silva o trabalho *Pequeno Hans sob Inter-venção Precoce*

> **Maria Cecília da Silva** apresentou *A Análise de Daniel e o mecanismo de idealização como parte do processo de introjeção do objeto bom*

> **Mariângela Almeida** apresentou *Transferências: transpondo novas fronteiras? Inquietações a partir da clínica psicanalítica dos estados primitivos da mente*

> **Bernardo Tanis** apresentou *A Infância roubada: uma reflexão sobre a clínica contemporânea (trabalho em co-autoria com Myrna Favilli e Maria Celina Mello) e A Psicanálise e as Neuroses na Infância 100 anos depois*

> **Vera Resende** apresentou *Entre o Pequeno Hans e o Menino da Porteira*

> **Mary Ono** apresentou *Psicanálise com crianças: re-visitando histórias*

> **Audrey Souza** apresentou *Existe um lugar para os pais reais? Uma reflexão sobre o papel do objeto externo na constituição do sujeito na clínica Kleiniana*

> **Márcia Ferreira** apresentou *Susten-tando a angústia na clínica psicanalítica com crianças*

> **Patrícia Gramacho** apresentou *O analista e seu "furor curandis" no autismo*

ACONTECEU

APRESENTAÇÕES DOS MEMBROS DO DEPTO NO COLÓQUIO 100 ANOS DE PSICANÁLISE DA CRIANÇA



< Izelinda Barros, Ada Morgenstern e Mary Ono



Audrey Sousa, Maria Soares e Angela Vorcaro >



< Auditório



< Comissão Organizadora do Evento



Participantes (Marcia Ferreira, Wagenr Ranña, Silvana Rabello, Maria Jose Bugni, Audrey Sousa, Ada Morgenstern, Bernardo Tanis)>



< Comissão Editorial do Boletim de Psicanálise da Criança

> **Elsa Susemihl** publicou seu texto *Sobre transferências e transformações* no Jornal de Psicanálise/Instituto de Psicanálise 'Durval Marcondes', Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, vol 41, n. 75 (2009). São Paulo: SBPSP, 2009.

> **Elsa Susemihl** apresentou seu trabalho *Capturando Édipo - Recortes de uma análise e anorexia*, em reunião científica com comentários de Marina Miranda, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em 08.10.2009.

> **Lia Pitliuk** publicou o artigo *A clínica no início da formação: a experiência de uma rede de atendimento psicanalítico* na revista *Percurso* nº 42. Participação em debate entre autores e leitores, realizado em 17.10.2009.

> **Lia Pitliuk** apresentou caso clínico no espaço *Inquietações da Clínica Cotidiana* no Depto de Psicanálise do Sedes, tendo Decio Gurfinkel como disparador de debate, em 16.04.2009.

> **Lia Pitliuk** coordenou seminários clínicos no CEP - Centro de Estudos Psicanalíticos, em abril e agosto de 2009.

> **Fernanda Fonoff** publicou o artigo *Os Heróis, As Princesas e O Imaginário Infantil*. Jornal de Psicanálise, Instituto de Psicanálise, SBPSP, Vol 41. Dez 2008, n. 75.

Uma das questões centrais da psicanálise é a formação da subjetividade. Este processo é complexo e envolve a interação entre o sujeito e o mundo. A maturidade é um estado de desenvolvimento que envolve a capacidade de lidar com a complexidade da vida. A diversidade é uma característica fundamental da humanidade e deve ser respeitada e valorizada. A psicanálise oferece ferramentas para entender e trabalhar com a diversidade humana.

Os estudos realizados ao longo dos últimos 11 anos, que buscam compreender a formação da subjetividade, mostram que este é um processo contínuo e dinâmico. A diversidade é uma condição necessária para a formação da subjetividade. A psicanálise deve estar atenta às diferentes formas de expressão da subjetividade e trabalhar com a diversidade humana.

Além da formação da subjetividade, a psicanálise também trabalha com a diversidade humana. A diversidade é uma característica fundamental da humanidade e deve ser respeitada e valorizada. A psicanálise oferece ferramentas para entender e trabalhar com a diversidade humana.

DIVERSIDADE E MATURIDADE

DENISE FELICIANO

Canal Aberto

Uma das atividades pioneiras do Departamento desde sua fundação é a realização de eventos sobre temas relacionados à Psicanálise com crianças. Esse interesse em trocas científicas com colegas que se ocupem do trabalho com crianças vem desde que éramos um curso sem as atividades abrangentes e diversas que hoje nos constituem enquanto Departamento. Fato esse que permitiu que acumulássemos em nossa história um rol de eventos sempre sintonizados com as inquietações que a clínica nos coloca e com as vicissitudes das mudanças sociais e culturais que invadem o *setting* e nos obriga a pensar.

Os eventos ocorridos ao longo dos últimos 17 anos, que pude testemunhar, foram memoráveis em qualidade e se desdobraram em livros e DVDs que permanecem como disparador para novas reflexões. Nessas ocasiões pudemos contar com a presença de convidados de grande importância e experiência na comunidade psicanalítica, foram experiências de grande vulto para nós enquanto instituição e em caráter de ampliação científica.

Ainda que tenhamos uma história privilegiada nessa trajetória, quero nessa oportunidade demarcar e ressaltar a importância do último evento realizado este ano por ocasião da comemoração dos 100 anos de

publicação do Pequeno Hans de Freud. Penso que há nas suas entrelinhas e talvez mesmo nas linhas uma característica que marca uma consolidação de grande importância para o Departamento, refletindo o mesmo contorno que tem marcado cada uma das atividades que tem sido desenvolvidas por seus setores.

Refiro-me ao caráter de maturidade e diversidade que nos marca enquanto grupo e que temos conseguido cada vez mais solidificar como característica mais cara entre nós.

É da maturidade de poder considerar as diferenças teóricas sem qualificações moralistas, podendo olhá-las a partir de lentes que permitam a acuidade mais sofisticada de visão sobre os meandros das teorias em suas trajetórias e sentidos, que podemos ter a riqueza de compor um grupo de analistas com idéias e posições diversificadas, que se unem pelo interesse e paixão sobre a mente da criança e nosso lugar junto a elas.

E é essa gama de nuances que nos disponibiliza os elementos para uma experiência de pensar a cada dia um pensamento inovador e criativo que é a marca mais essencial da psicanálise. Seremos sempre psicanalistas enquanto pudermos nos surpreender com nossas próprias idéias que se renovam e poder estar abertos a escutar nossos colegas, independente

de suas escolas.

melhor nosso lugar de analistas.

E todas essas digressões me vêm a partir da experiência de ter participado do Colóquio 100 anos de Psicanálise com Crianças, que teve a preocupação e o cuidado de articularem as mesas e os convidados de maneira que pudéssemos contar com colegas de diferentes escolas psicanalíticas e instituições, permitindo diálogos pluralistas e acessíveis a todos. Após 100 anos da publicação do imortal texto de Freud sobre uma análise com criança, ainda nos sentimos estimulados pelo que ele pode nos oferecer para nossa prática atual.

A presença de nomes que têm marcado a história da psicanálise em São Paulo e no Brasil reitera o apreço que recebemos dos ilustres colegas. Não foram poucos os momentos de reencontro e rememorações sobre todos esses anos em que temos congregado, o que transcende seu caráter fundamentalmente científico para o social, e testemunhamos manifestações de consideração, carinho e respeito onde os crachás das escolas e das instituições são substituídos pelo único crachá da psicanálise com criança. E assim, podemos ser muito mais do que freudianos amigos de winicottianos ou lacanianos que abraçam kleinianos, mas psicanalistas maduros e tão sábios quanto os "pequenos Hans" que nos ensinam a cada dia a exercer

Canal Aberto

Coordenadora Geral
Márcia Regina Porto Ferreira
mrpf@sti.com.br

Secretaria
Lia Lima Telles Rudge
lrudge@uol.com

Tesouraria
Fernanda Arantes
fe.arantes@uol.com.br
Daniela Tulio
danitulio@uol.com.br

Comunicação e Publicações

Denise de Sousa Feliciano
denisefeliciano@uol.com.br

Alessandra Barbieri
aleclb@uol.com.br
Elsa Vera Kunze P. Susemihl
esusemihl@gmail.com
Fernanda Colucci Fonoff
fmcolucci@gmail.com

Clínica e Pesquisa

Adela Stoppel de Gueller
adelastoppel@uol.com.br

Alessandra Barbieri
aleclb@uol.com.br
Lia Rudge
lrudge@uol.com.br
Lia Pitliuk
lia8@uol.com.br

Grupo Acesso
Grupo Laço
Espaço Potencial
de Winnicott

Curso

Mary Ono
onomay@hotmail.com

Maria Dias Soares do Amaral
Maria José Porto Bugni
Mary Ono

Ada Morgenstern
ada.morgenstern@gmail.com
Adela Stoppel de Gueller
adelastoppel@terra.com.br
Audrey Setton L. de Souza
asetton@uol.com.br
Bernardo Tanis
tanis@uol.com.br
Elsa Vera Kunze P. Susemihl
esusemihl@gmail.com
Lia Pitliuk
lia8@uol.com.br
Magaly Miranda Callia
magalymm@ig.com.br
Marcia Regina Porto Ferreira
mrpf@sti.com.br
Maria Dias Soares do Amaral
md.soares@terra.com.br
Maria do Carmo V. M. Dittmar
lilavidigal@terra.com.br
Maria José Porto Bugni
bugni@uol.com.br
Mary Ono
onomay@hotmail.com

Eventos

Ada Morgenstern
ada.morgenstern@gmail.com

Fernanda Arantes
fe.arantes@uol.com.br
Gabriela Domingues
gabi@rga.com.br
Leonor de Carvalho Franco
vaz_franco@uol.com.br
Ligia Paula Rabinovitch
ligiasilber@hotmail.com
Maria Engracia Garcia Perez
mariaengracia_gra@yahoo.com.br
Maria do Carmo V. M. Dittmar
lilavidigal@terra.com.br
Sonia Maria Chiurato Dias
soniadias@terra.com.br

Extensão

Elsa V. Kunze P. Susemihl
esusemihl@gmail.com

Afrânio de Matos Ferreira
afraniodematos@uol.com.br
Audrey Setton L. de Souza
asetton@uol.com.br

Divulgação

Alessandra Barbieri
aleclb@uol.com.br

Representantes em outras Instâncias:

NÚCLEO DE DEPARTAMENTO

Lia Lima Telles Rudge

NÚCLEO DE CURSO

Maria Dias Soares

GRUPO DE ARTICULAÇÃO (RJ)

Adela Stoppel de Gueller
Ada Morgenstern
Mary Ono

ASSOCIE-SE AO DEPARTAMENTO

INFORMAÇÕES NA SECRETARIA DO SEDES, PELO TELEFONE 011 3866 2730

O BOLETIM está aberto a receber:

- > Artigos para ENSAIO
- > Dicas culturais e psicanalíticas (resenhas, filmes, exposições, eventos, etc) para VALE APENA CONFERIR
- > Notas de participação para EM FOCO

Envie para denisefeliciano@uol.com.br

Exclusivo para membros do departamento e alunos em formação No curso de psicanálise da criança

O Boletim mantém o conteúdo original dos textos recebidos, com respeito ao estilo pessoal dos seus autores.